

ANTROPOLOGIA: LIMITES METODOLÓGICOS E A RELAÇÃO COM OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

META

Apresentar os limites metodológicos e a relação entre Antropologia e outras áreas do conhecimento no âmbito das Ciências Sociais.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

compreender os limites da pesquisa antropológica e a sua relação com as ciências afins.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecer a definição de Antropologia, o seu objeto e objetivos; a relação entre o conceito de cultura e o processo de construção da prática antropológica; como também os principais conceitos construídos ao longo da primeira etapa da ciência.



(Fonte: www.revistaportal.com.br).

INTRODUÇÃO

Panacéia

Remédio para todos os males.

As aulas anteriores demarcaram as principais definições d a prática antropológica: objeto, objetivos e conceitos principais. A passagem da prática etnocêntrica para o processo de relativização nos estudos antropológicos foi apresentada como fundamental. Nesta aula o aluno terá acesso a informações que lhe permitirão conhecer os limites dessa ciência e sua relação com as ciências afins. É importante ficar atento aos limites da ciência, que não foi e não será apresentada neste curso como **panacéia** para os problemas enfrentados pelo homem nos seus relacionamentos sociais e culturais.



(Fonte: <http://contanatura.weblog.com>).

OBJETO DE ESTUDO

A ciência antropológica, no alvorecer do século XX, já havia definido o homem total como seu objeto de estudo. Esse homem que, no século XIX, tinha um caráter universal, no sentido de humanidade, passou nessa nova etapa a ser particular, ou seja, contextualizado a partir das respectivas construções culturais e sociais necessariamente relativizadas. Esse feito, contudo, não significou a configuração definitiva com a qualidade de ciência objetiva, ao contrário, esse drama de ser ou não ser ciência objetiva continua até o presente. Mas, quais seriam os limites que se interpunham entre a prática antropológica e os critérios mais rígidos de uma pretensa ciência objetiva? Pode uma ciência como a Antropologia, que lida com o fazer cultural e com o homem como construtor de cultura, ser objetiva, igual às ciências da natureza?

Em módulos anteriores, houve a apresentação da problemática relação entre o pesquisador e o seu objeto na prática antropológica; bem como a conseqüente dificuldade de isenção do antropologista no desenvolvimento do seu trabalho. Os limites da prática antropológica estão relacionados diretamente com essa questão: o pesquisador, na sua condição humana, pode pesquisar com isenção outros humanos nos seus grupos sociais? Se a resposta for positiva, quais as estratégias teórico-metodológicas capazes de provocar o necessário **estranhamento** entre esses dois personagens? Apresentada de outra forma, a afirmação ficaria assim: para a Antropologia, o objeto de observação e de análise é o homem na condição de indivíduo que pertence a uma época e a uma cultura; e o pesquisador é também um indivíduo que pertence a uma cultura e a uma época.

Sendo o pesquisador de uma dada cultura e de uma dada época; e o seu objeto de estudo portador da característica de fazedor de cultura na mesma proporção que a sua – o pesquisador -, a isenção parece tarefa quase impossível. Por que tarefa quase impossível?

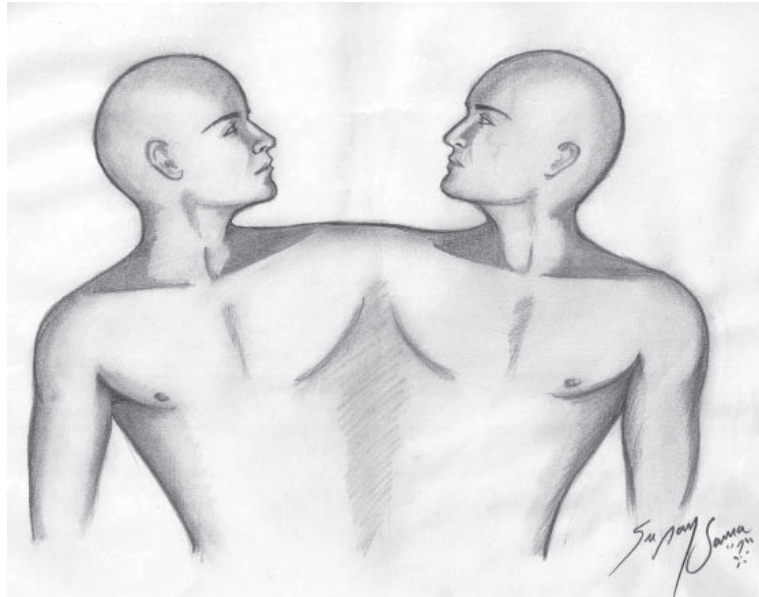
Bem, veja o seguinte exemplo: o antropologista, na sua condição humana, é membro de uma dada sociedade e participa dela desenvolvendo papéis sociais exigidos pelo grupo: é professor, é pai de família, é membro do sindicato e do partido político, está inserido num clube social, é parte da vizinhança na rua e no bairro onde reside, e tantos outros possíveis papéis. Este antropólogo, igual a qualquer outro indivíduo em sociedade, “é o resultado do meio cultural em que foi socializado” (LARAIA, 2002, p. 45), portanto, dominado pela visão de mundo construída no seu meio.

O grande problema está, para este indivíduo na condição de pesquisador em Antropologia, em estranhar os seus valores culturais para melhor observar e analisar os valores do outro que se apresenta na condição de seu objeto de estudo. O estranhamento permite ao pesquisador olhar a cultura do outro e a sua própria cultura de forma diferente, ou seja, não mais a

Estranhamento

Ato de estranhar.

partir das pré-noções – preconceitos -, mas reconhecendo que a sua cultura não é tão familiar e que, portanto, precisa também ser estudada; e que a do outro já não se apresenta sob a forma de cultura exótica como vista até então. Na perspectiva de LAPLANTINE (2000), a partir da “prática do estranhamento”, deixamos de ser cegos em relação à cultura do outro e deixamos de ser míopes em relação à nossa própria cultura.



Bronislaw Malinowski

Antropólogo polaco (1884-1942). Considerado um dos fundadores da antropologia social. Fundou a escola funcionalista. Suas grandes influências incluíam James Frazer e Ernst Mach.

Mesmo reconhecendo a dificuldade de isenção total do pesquisador na prática antropológica, há também o reconhecimento de que o antropólogo não pode abdicar das estratégias teórico-metodológicas para aprimoramento de sua prática. Além das estratégias, é preciso considerar a Antropologia na qualidade de ciência, mas de ciência com diferenças marcantes na comparação com os ramos das ciências da natureza. Essas diferenças dizem respeito, principalmente, à especificidade do objeto de estudo, que, na Antropologia, é o próprio homem. Mas, quais seriam essas estratégias? Continue atento e veja a seqüência da aula!

Bronislaw Kasper Malinowski, nascido em Cracóvia, em 07 de abril de 1884 e falecido em 16 de maio de 1942, naturalizado inglês, é considerado um dos pais fundadores da Antropologia. Na sua obra mais importante, “Argonautas do Pacífico Ocidental”, fez um relato da vida social e cultural de povos da Nova Guiné. Na introdução dessa obra o autor faz um relato minucioso das principais estratégias teórico-metodológicas para trabalho antropológico com padrão científico.

Malinowski inicia a sua obra apresentando os principais requisitos para o desenvolvimento da pesquisa científica: primeiro, a definição clara e honesta do tema; segundo, definição dos métodos a serem utilizados na

pesquisa; terceiro, domínio da teoria a respeito do tema a ser pesquisado; e, como quarto requisito, o conhecimento da língua do grupo social sob investigação científica.

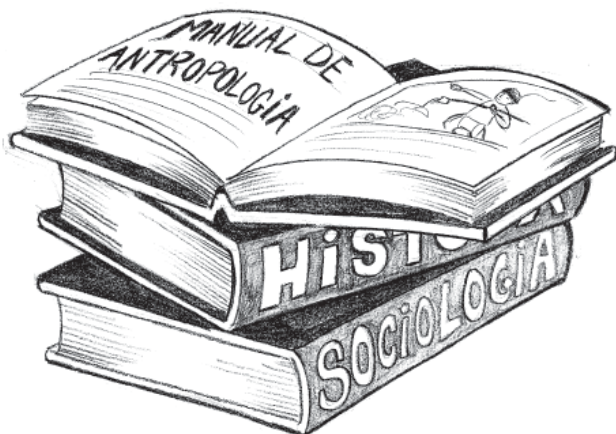
Se você, em sua cidade, resolver realizar pesquisa antropológica, a primeira pergunta a ser feita é a seguinte: o que vou pesquisar? Não sei qual é o seu espaço de habitação, mas presumo que, como em qualquer cidade brasileira, aí existam manifestações folclóricas e que você resolva estudar essas manifestações ou uma dessas manifestações. Ao definir o tema o pesquisador deu o primeiro passo para o desenvolvimento do seu trabalho. Mas é preciso mais. É preciso ler a respeito, ou seja, apossar-se do conhecimento já produzido sobre a temática: listar material bibliográfico sobre folclore e, mais especificamente, tentar identificar possíveis publicações a respeito do folclore na região a ser estudada.

Definido e delimitado o tema de pesquisa é preciso caminhar um pouco mais e definir o que se pretende com o tema proposto: identificar os personagens do fenômeno folclórico; pensar a relação desses personagens com o fenômeno e a relação do mesmo com a sociedade; analisar os possíveis significados atribuídos pelos personagens envolvidos; como também pensar os significados atribuídos pela sociedade da qual o fenômeno é parte. Todos esses aspectos podem compor os objetivos do pesquisador, que, a partir dessa nova situação, vai pensar nos métodos que lhe permitam cumprir a tarefa estabelecida pelos objetivos.

Na pesquisa antropológica do autor polonês citado o método definidor da empreitada foi a observação participante. É possível, e muito provável, que os seus objetivos, aqueles estabelecidos para o estudo sobre folclore, exijam métodos e técnicas completamente diferentes daqueles estabelecidos por Malinowski. Isto porque, para cada contexto cultural e para cada temática exige-se um tipo específico de método a ser utilizado, objetivando o alcance dos objetivos propostos.

Para realizar os propósitos de analisar os nativos da Nova Guiné Malinowski entendeu que era necessário se afastar da sua terra e embrenhar-se na região definida como espaço de pesquisa, vivendo literalmente com o seu objeto. O autor afirmou que foi necessário, para realizar a observação participante, desligar-se dos seus valores culturais, dominar o idioma nativo e viver o cotidiano desses personagens, anotando tudo, objetivando alcançar a alma e o espírito das coisas produzidas pelo observado.

Dessa forma, cumprindo os passos acima apresentados, entende o autor dos “Argonautas do Pacífico Ocidental” que a tarefa científica do antropólogo possa ser satisfatoriamente produzida, mesmo que se considere – e essa é a posição deste professor – que a antropologia é uma ciência diferente das ciências da natureza. Contudo, é bom que fique muito claro que essa posição não prejudica em nada a cientificidade da pesquisa antropológica.



A antropologia, mesmo sendo uma ciência jovem e com características diferenciadas na relação com as ciências da natureza, tem, ao longo dos anos, estabelecido profícua relação de troca de experiências e de conhecimentos com as chamadas ciências afins. Quais seriam essas ciências afins e quais seriam as experiências e conhecimentos trocados? E qual o efeito dessas trocas na ampliação das possibilidades da antropologia?

Muitas são as ciências afins da antropologia: sociologia, história, psicologia, geografia, economia, política, todas da área das Ciências Humanas; e ainda man-

têm relações de trocas com ciências da área da natureza: biologia, genética, anatomia, fisiologia, geologia, zoologia, química, física etc.

Todos esses conhecimentos citados são importantes para o aprimoramento do conhecimento em antropologia. Darei apenas dois exemplos para ilustrar essa afirmação: a relação da antropologia com a sociologia – sua parceira mais próxima – tem sido, este é o meu entendimento, de complementaridade. Ambas trabalham com o caráter global do homem, contudo, enquanto a antropologia enfatiza o conceito de cultura, a sociologia enfatiza o conceito de sociedade, e os dois conceitos são largamente utilizados pelas duas ciências através de empréstimos ou trocas recíprocas, acrescentando conhecimentos e experiências importantes para cada ciência.

A antropologia, desde o seu nascimento, sempre estabeleceu vigorosa relação com a história. No primeiro momento da antropologia essa relação tinha um caráter absoluto – era o tempo do evolucionismo -, na medida em que todo o trabalho antropológico era fundamentado na reconstituição histórica dos povos estudados.

No período seguinte – agora já no pensamento funcionalista - houve o arrefecimento dessa relação. Alguns antropólogos chegaram a afirmar não necessitar dos conhecimentos da história para o exercício da antropologia, contudo os conhecimentos da história não podem ser dispensados para a boa prática antropológica, como de resto das ciências que tenham algum tipo de proximidade teórica ou metodológica com a antropologia.

ATIVIDADES

Simule uma proposta de pesquisa sobre tema relacionado à sua região: cidade, bairro ou qualquer outro espaço.

A pesquisa antropológica precisa levar em consideração os seguintes critérios: definição do tema ou objeto, leitura básica sobre o tema escolhido, definição dos objetivos e esboço da metodologia para alcançar os objetivos pretendidos.



RESUMO

Esta aula serviu para duas constatações importantes: a antropologia tem limites e não abdica de interagir com outras ciências para a produção do conhecimento. Tem limites porque é diferente na comparação com as ciências da natureza, tendo em vista que o seu objeto de estudo é o próprio homem e o pesquisador também faz parte do universo do objeto.



CONCLUSÃO

A antropologia é ciência. Essa assertiva tem que ficar bem clara no seu entendimento. É, contudo, uma ciência diferente em relação às ciências da natureza. É diferente porque o objeto de estudo é da mesma natureza do pesquisador. Isto é, pesquisador e objeto de estudo fazem parte do mesmo ambiente, que é o ambiente social e cultural. Os limites da antropologia estão relacionados diretamente a essa relação: pesquisador e objeto. Para diminuir o impacto dessa relação o pesquisador precisa estranhar os seus valores culturais e, dessa forma, enxergar com os olhos mais científicos a sua própria cultura, mas também e, principalmente, a cultura do outro. Parte importante desta aula foi a constatação de que em termos científicos nenhum conhecimento atua isoladamente. No caso da antropologia não é diferente: sociologia e história, bem como tantos outros conhecimentos, trocam experiências e conhecimentos, todos importantes na caminhada do desenvolvimento científico.

AUTOAVALIAÇÃO



Foi fácil e rápida a leitura desta aula. Mas acho melhor ler novamente, pois não estou bem certo sobre o significado dos limites da ciência antropológica. Preciso compreender melhor, principalmente, essa relação complicada entre o pesquisador, que é homem social e cultural, e o pesquisado que também tem as mesmas características. Depois dessa re-leitura tenho certeza que as dúvidas desaparecerão.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Celso. **Evolucionismo Cultural**: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.
- LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.